

Manual de Investigação em Ciências Sociais

Segunda e Terceira Etapa

A EXPLORAÇÃO E A PROBLEMÁTICA

Raymond **Quivy** & Luc Van **Campenhoudt**

**ARQ1001 – Metodologia Científica Aplicada | Profa. Dra. Sonia Afonso
Ana Paula Jeffe | Gabriella K. Oliveira | Máira O. Pires | Sergio Rhee | Sonia R. Soares
| PósARQ |**

Raymond Quivy

Doutor em Ciências Políticas e Sociais pela *Université Catholique de Louvain* (UCL), Bélgica. Professor da *Université de Mons* (Bélgica), onde ensina Metodologia da Investigação em Ciências Sociais.

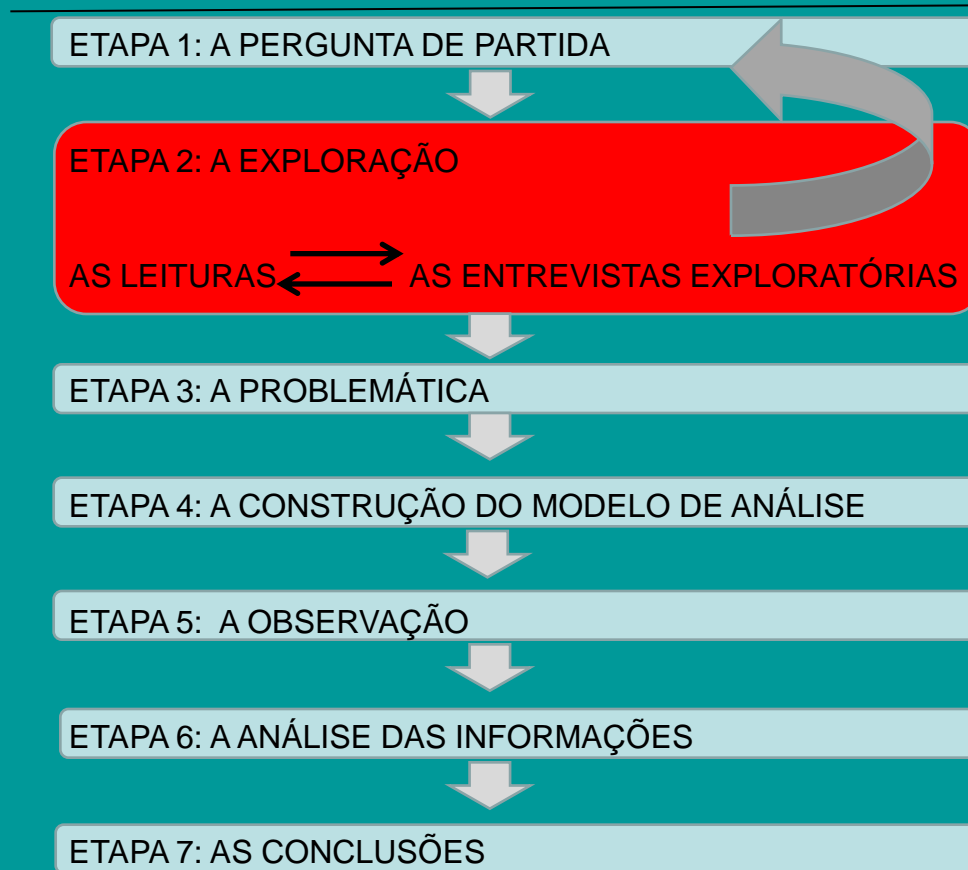
Luc Van Campenhoudt

Nasceu em 4 de julho de 1947 em Bruxelas, Belgica; Doutor em Sociologia (1983), professor e diretor do Centro de Estudos Sociais da *Facultés Universitaires Saint-Louis* (Bruxelas) e professor da *Université Catholique de Louvain*. Trabalha com assuntos ligados à criminalidade e insegurança. Também atuou como diretor da revista *La Revue Nouvelle*.

Algumas obras:

- *Manuel de recherche en sciences sociales*, Paris, Dunod, 2011 (1^{re} éd. 1988) (avec Raymond Quivy)
- *La méthode d'analyse en groupe*, Paris, Dunod, 2005 (avec Jean-Michel Chaumont et Abraham Franssen)
- *Introduction à l'analyse des phénomènes sociaux*, Paris, Dunod, 2001
- *Réponse à l'insécurité. Des discours aux pratiques*, Bruxelles, Labor, 2000 (dir. avec Yves Cartuyvels, Françoise Digneffe, Dan Kaminski, Philippe Mary et Andrea Rea)
- *Sexual Interactions and Risk. New Conceptual Perspectives in European Research*, London, Taylor & Francis, 1997 (dir. avec Mitchell Cohen, Gustavo Guizzardi and Dominique Hauser)
- *Malaise à l'école. Les difficultés de l'action collective*, Bruxelles, Publications des Facultés Universitaires Saint-Louis, 1989 (avec Raymond Quivy et D. Ruquoy)

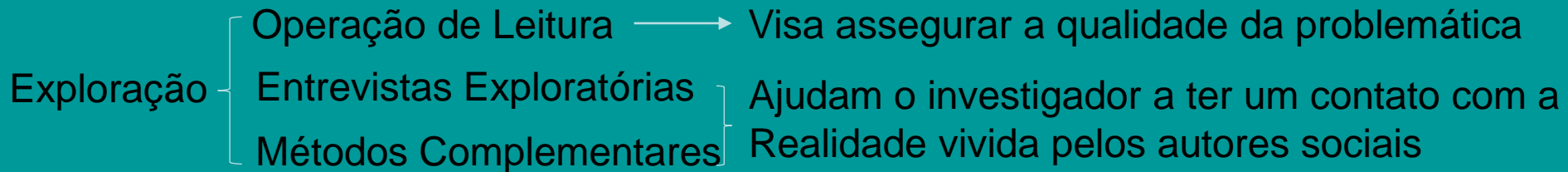
As Etapas do Procedimento



Objetivos

Saber como proceder para conseguir uma certa qualidade de informação

Saber como explorar o terreno para conceber uma problemática de investigação



1. A Leitura

Ultrapassar as interpretações estabelecidas a fim de aparecer novas significações dos fenômenos estudados → Depende da formação teórica do investigador.

Todo investigador é um pensador

DEVE

Conhecer as técnicas de investigação social;
Explorar teorias;
Adquirir o hábito de refletir antes de se precipitar sobre o terreno ou sobre os dados.

Situar claramente o trabalho em relação a quadros conceituais existentes

Validade Externa

É indispensável tomar conhecimento de um mínimo de trabalhos de referências sobre o mesmo tema, ou problemáticas que lhe estão ligadas.

Como Proceder?

Método de trabalho corretamente elaborado
1º) Selecionar;
2º) Organizar.

1.1 A escolha e a organização das leituras

a) Os critérios de escolha

Critérios gerais que cada um deverá adaptar com **FLEXIBILIDADE** e **PERTINÊNCIA**:

1º PRINCÍPIO: **DEFINIR UMA BOA PERGUNTA DE PARTIDA**

Auxilia a não se perder nas escolhas das leituras. É o fio condutor.

2º PRINCÍPIO: **CONDUZIR UMA LEITURA APROFUNDADA E CRÍTICA**

De alguns textos bem escolhidos no lugar de ler superficialmente milhares de páginas. Orientar as leituras para obras que apresentem **REFLEXÃO DE SÍNTESE**.

3º PRINCÍPIO: **ELEMENTOS DE ANÁLISE E DE INTERPRETAÇÃO**

Não reduzir a leitura a documentos cujos autores se limitem a apresentar dados. É preciso escolher textos que permitam ler inteligentemente estes dados e estimulem a reflexão crítica e a imaginação do investigador.

4º PRINCÍPIO: **ABORDAGENS DIVERSIFICADAS DO FENÔMENO ESTUDADO**

A preocupação de abordar o objeto de estudo de um ponto de vista esclarecedor implica que se possam confrontar perspectivas diferentes. Deve-se estar atento para incluir textos mais teóricos, que não se debruçaram de forma direta sobre o fenômeno estudado.

5º PRINCÍPIO: **DEDICAR UM TEMPO PARA REFLEXÃO PESSOAL**

Com intervalos regulares, reservar períodos de tempo também às trocas de pontos de vista com colegas ou com pessoas mais experientes.

1.1 A escolha e a organização das leituras

a) Os critérios de escolha

RESUMINDO:

- ✓ O objetivo é focar nos conhecimentos que interessam para a pergunta de partida, explorando o máximo cada minuto de leitura;
- ✓ Estão voltados às primeiras fases do trabalho;
- ✓ Uma forma de se organizar é ler em “levas” de 2 ou 3 textos de cada vez;
- ✓ Erro comum é decidir de uma só vez o conteúdo de todo o programa de leitura.

1.1 A escolha e a organização das leituras

b) Onde encontrar estes textos

Como encontrar facilmente os textos adequados sem gastar demasiado tempo:

1º) Pedir conselho a especialistas que conheçam o campo da pesquisa:

Prepare com precisão o pedido de informação de forma que eles compreendam imediatamente e possam recomendar o que, segundo eles, mais convém;

Compare as sugestões de uns e de outros antes de fazer escolhas.

2º) Não negligenciar artigos e revistas:

- ✓ O conteúdo traz o conhecimento mais recentes na matéria, ou um olhar crítico sobre os conhecimentos anteriormente adquiridos;
- ✓ Publicam comentários bibliográficos sobre as obras mais recentes que podem ajudar a fazer uma escolha acertada das leituras.

✓ Consultando as bibliografias compiladas nos repertórios especializados, obras e artigos, cobre-se rapidamente um campo de publicações bastante vasto;

✓ Nem sempre é indispensável ler um livro integralmente. É importante consultar o sumário, ler as primeiras e as últimas linhas de cada capítulo para ver do que trata;

✓ Estar sempre atualizado quanto as ferramentas oferecidas pelas bibliotecas e catalogações sistemáticas do conteúdo das principais revistas e listas especializadas.

1.1 A escolha e a organização das leituras

TRABALHO DE APLICAÇÃO Nº 2

Escolher os 2 ou 3 textos que constituirão a primeira leva de leituras. Da seguinte forma:

- 1) Pergunta de partida;
- 2) Critérios de escolha vistos no slide 4;
- 3) Identificar em conformidade os temas de leitura mais relacionados com a pergunta de partida;
- 4) Consultar algumas pessoas informadas;
- 5) Proceder a pesquisa de documentos, valendo das técnicas de pesquisa bibliográficas disponíveis.

1.2 Como ler

Objetivo principal da LEITURA → Retirar ideias para o próprio trabalho

- ✓ Sendo capaz de fazer aparecer essas ideias, de as compreender em profundidade e de as articular entre si de forma correta.

Ler um texto é uma coisa, compreendê-lo é outra

- ✓ A capacidade de síntese só se adquire com o exercício;

Para progredir na aprendizagem da leitura e dela retirar o máximo proveito é proposto um rigoroso e preciso método (que poderá tornar-se mais flexível no decorrer da formação) composto por duas etapas:

- ✓ Emprego da grelha de leitura (leitura com profundidade e ordem);
- ✓ Redação de um resumo (ideias principais que merecem ser retidas) .

1.2 Como ler

a) A grelha de leitura

TRABALHO DE APLICAÇÃO Nº 3 LEITURA DE UM TEXTO COM A AJUDA DE UMA GRELHA DE LEITURA

- 1) Divida uma folha de papel em duas colunas: dois terços à esquerda, um terço à direita.
- 2) *Leia o texto secção por secção – conjunto de frases que constituem um todo coerente ou um parágrafo.*

Idéias-conteúdo	Tópicos para estrutura do texto
<p>1 Após leitura de cada secção escreva as principais ideias do texto original. Numere de acordo com a ordem da secção lida, continue sem se preocupar com a coluna da direita.</p>	<p>As articulações devem aparecer na coluna da direita relacionadas as ideias reunidas à esquerda.</p>
<p>2 Releia-a de forma a apreender as suas articulações – etapas de raciocínio, ideias-mestras, complementaridade entre as partes e a discernir a estrutura global do pensamento do autor.</p>	

Tabela 1: estrutura da grelha de leitura segundo Quivy e Campenhoudt (1992)

1.2 Como ler

a) A grelha da leitura

“O importante não é escrever as mesmas frases que os autores, mas sim que tenha apreendido as ideias importantes e a sua estrutura.”
(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1992, p.56)

Segundo Quivy e Campenhoudt (1992) realizando exercícios melhora consideravelmente a aptidão para a leitura.

1.2 Como ler

TEXTO DE DURKHEIM (1858-1917) SOBRE O SUICÍDIO
 Comparação entre o trabalho (ideias) de Durkheim e o que os autores realizaram

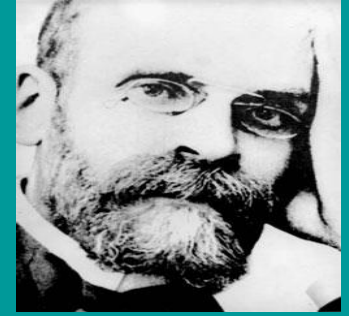


Imagem 01: Durkheim

Idéias-conteúdo	Tópicos para estrutura do texto
<p>1 O Suicídio está pouco desenvolvido nos países católicos e atinge o seu máximo nos países protestantes</p>	<p>Projeto: precisar a influência das religiões sobre o suicídio</p>
<p>2 No entanto, o contexto socioeconômico destes países é diferente; para evitar qualquer erro e especificar o melhor possível a influência destas religiões, é preciso compará-las no seio de uma sociedade.</p>	
<p>3 Quer se comparem entre si os diferentes estados de um mesmo país (Alemanha), quer as diferentes províncias de um mesmo estado (Baviera), observa-se que os suicídios estão na razão direta do número de protestantes e na razão inversa do número dos católicos</p>	<p>Estabelecimentos dos fatos: com a ajuda de dados estatísticos, o autor mostra que o protestantismo é a religião cujos crentes mais se suicidam</p>

1.2 Como ler

b) O resumo

O que seria um resumo?

“Consiste em destacar suas principais idéias e as suas articulações, de modo a fazer aparecer a unidade de pensamento do autor.” (QUIVY , CAMPENHOUDT, 1992, p.62) O resumo restitui a unidade do pensamento do autor, acentuando as ideias mais relevantes e mostrando as principais ligações que o autor estabelece entre elas.

❑ Deve-se redigi-lo de forma eficiente, para que outra pessoa o compreenda sem ter lido o texto principal, ou mesmo sem intenção de publicação. Pois caso não consiga tornar seu texto compreensível para outros, provavelmente não será para si. (QUIVY , CAMPENHOUDT, 1992)

❑ A grelha de leitura, com os textos postos em seqüência forma um resumo fiel, fornecendo uma base para o resumo em si. Porém nela falta uma estruturação das ideias, imprescindível para reconstituir a unidade de pensamento do autor.

1.2 Como ler

TRABALHO DE APLICAÇÃO Nº 4 RESUMOS DE TEXTOS

- 1) *Escolha dois ou três textos para desenvolver os **resumos**. Parta da **grelha de leitura**.*
- 2) *Durante o desenvolvimento do trabalho não esqueça a sua pergunta de partida e seja preciso quanto às ideias que estão relacionadas a ela.*
- 3) *Tenha os objetivos bem claros e presentes consigo.*

TRABALHO DE APLICAÇÃO Nº 5 COMPARAÇÃO DE TEXTOS

- 1) *Após a conclusão dos resumos, compare-os atentamente, para deles retirar os elementos de reflexão e as pistas de trabalhos que interessem.*
- 2) *Trabalhe em duas fases: primeiro comparar os textos; depois destacar pistas para a continuação da investigação.*

1.2 Como ler

1. Comparação dos textos

1° Critério – pontos de vista adotados	Subcritérios
<p>Exemplo: o problema do desemprego pode ser abordado numa perspectiva mais histórica, mais macroeconômica ou mais sociológica.</p> <p>Quais são os pontos de vista adotados pelos autores e como se situam uns em relação aos outros?</p>	<p>Para confrontar os pontos de vista com ordem e clareza, ponha em evidência:</p> <ul style="list-style-type: none"> a) As convergências; b) As divergências; c) As suas complementaridades.
2° Critério – os conteúdos	Subcritérios
<p>Quer adotem ou não pontos de vista comparáveis, os autores podem defender teses conciliáveis ou inconciliáveis.</p>	<p>Para confrontar os conteúdos com ordem e clareza sublinhe:</p> <ul style="list-style-type: none"> As concordâncias; Os desacordos; As complementaridades.

Tabela 3: Critérios de comparação dos textos de acordo com Quivy e Campenhoudt (1992)

1.2 Como ler

2. Destacar pistas para o prosseguimento da investigação

Trata-se de responder às perguntas:

Quais das leituras estão mais relacionadas com a pergunta de partida?

Que pistas sugerem essas leituras?

De acordo com Quivy e Campenhoudt (1992) deve-se escolher com critério os textos da segunda etapa de leituras. Assim poderá se decidir por procurar novos textos que aprofundem um ponto de vista que interesse, ou que tratem sobre um problema sobre o qual se manifestou um desacordo, ou ainda que tratem do objeto de investigação sob um ângulo diferente que faltava na primeira etapa.

Ao fim dos exercícios é bom interromper provisoriamente a leitura para ter algum tempo de reflexão.

2. As entrevistas exploratórias

Leituras e entrevistas exploratórias devem ajudar a constituir a problemática de investigação. (QUIVY;CHAMPENHOUDT, 1992, p. 67)

→ Contribuem para descobrir os aspectos a ter em conta e alargam ou retificam o campo de investigação das leituras.

→ Ajudam a fazer o balanço dos conhecimentos relativos ao problema de partida

Visa economizar perdas inúteis de energia e de tempo na leitura, na construção de hipóteses e na observação.

Entrevista exploratória

Função: Revelar ideias sobre certos aspectos do fenómeno estudado, nos quais o investigador não teria espontaneamente pensado pro si mesmo.

Para isso, as entrevistas devem ser:

- Abertas e flexíveis;
- Sem perguntas numerosas e muito precisas.

Por que?

Porque as entrevistas exploratórias servem para encontrar pistas de reflexão, ideias e hipóteses de trabalho, e não para verificar hipóteses preestabelecidas.

Como proceder???

2.1 Com quem é útil ter uma entrevista?

Há 3 categorias de pessoas

Docentes, investigadores e peritos

- Ajudam na escolha das leituras;
- Auxiliam a melhorar o conhecimento do terreno, expondo não só os resultados dos seus trabalhos, mas também os procedimentos que utilizaram, os problemas que encontraram e os obstáculos e perigos a evitar.

Testemunhas privilegiadas

Tratam-se das pessoas que, pela sua posição, pela sua ação ou pelas suas responsabilidades, têm um bom conhecimento do problema.



Exemplo: Num estudo sobre os valores dos jovens, são os:

- jovens responsáveis por organizações de juventude
- educadores, docentes, padres, trabalhadores sociais, juízes de crianças, cuja atividade profissional os põe diretamente em contato com o assunto.


Públicos a que o estudo diz respeito diretamente

No exemplo anterior, são os próprios jovens.

2.1 Com quem é útil ter uma entrevista?

Testemunhas privilegiadas

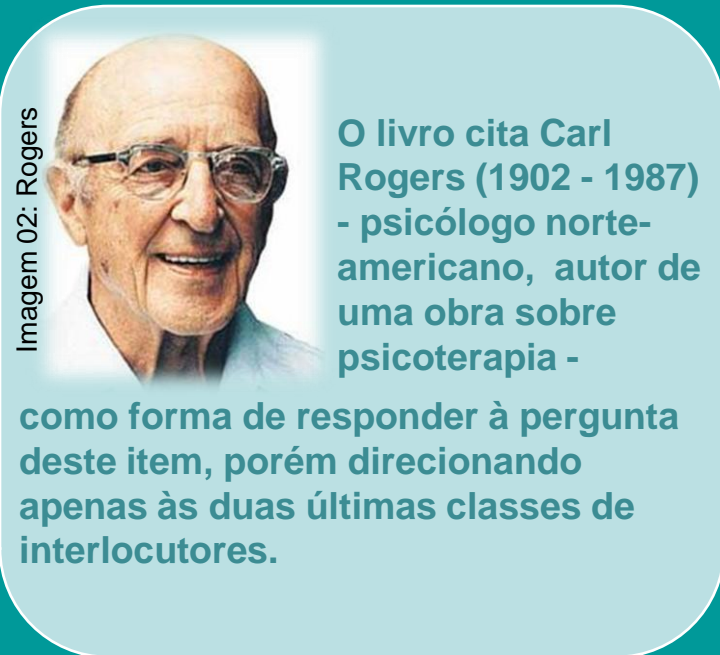
Públicos a que o estudo diz respeito diretamente



São as entrevistas que oferecem os maiores riscos de desvio devido à ilusão de transparência.

São indispensáveis uma boa dose de espírito crítico e um mínimo de técnica para evitar armadilhas que encerram.

2.2 Em que consistem as entrevistas e como realiza-las?



a) Os fundamentos do método Método terapêutico da **não-diretividade**.

“Consiste em deixar ao cliente a escolha do tema das entrevistas, tal como o domínio do seu desenvolvimento. É ajudar o cliente a ter um melhor conhecimento e melhor aceitação de si próprio, funcionando como um espelho que lhe reenvia sem parar a sua própria imagem e lhe permite, assim, aprofundá-la e assumi-la.” (QUIVY;CHAMPENHOUDT, 1992, p. 71)

b) A aplicação em investigação social

Max Pagès (1926 -), em seu livro *L'orientation non-directive en psychothérapie et en psychologie sociale* [Orientação psicoterapia não-diretiva e psicologia social], explica que “[...] nunca podemos dizer que as entrevistas exploratórias em investigação social são rigorosamente não-directivas. Como efeito, a entrevista pedida pelo investigador [...] Refere-se mais ou menos diretamente ao tema imposto pelo investigador, e não àquilo de que o interlocutor deseja falar.” (QUIVY;CHAMPENHOUDT, 1992, p. 72)

2.2 Em que consistem as entrevistas e como realiza-las?

Alguns traços para tornar a entrevista pouco diretiva:

- **Fazer o menor número possível de perguntas.** Se possível incluir uma breve exposição introdutória acerca dos objetivos da entrevista e do que dela se espera.
- **Formular as suas intervenções da forma mais aberta possível.**
Exemplos de intervenções feitas para facilitar a livre expressão do entrevistado, frequentemente chamados de “empurrões”:

“Se bem percebo, quer dizer que...”

“Hum...sim...” (para manifestar a atenção e o interesse pelo que diz o entrevistado)

“Dizia a pouco tempo que...” (para retomar um ponto que merece ser aprofundado)

“O que quer exatamente dizer com...?”

- **O entrevistador deve abster-se de se implicar no conteúdo da entrevista.**
Evitar debates de ideias ou tomar posições sobre afirmações do entrevistado.
- **Procurar que a entrevista se desenrole num ambiente e num contexto adequado.**
O entrevistado deve ser avisado da duração provável da entrevista (geralmente cerca de uma hora).
- **Gravar a entrevista.**
Deve ser subordinada à autorização prévia dos interlocutores.
Evitar tomar notas durante a entrevista. Porém é válido anotar palavras para estruturar a entrevista: pontos a esclarecer, questões a que é preciso voltar, etc.

2.2 Em que consistem as entrevistas e como realiza-las?

c) A aprendizagem da entrevista exploratória

- Ouça a gravação;
- Interrompa-a após cada uma das suas intervenções;
- Anote cada intervenção e analise-a;
- Prossiga a audição da gravação para examinar a forma como o seu interlocutor reagiu a cada uma das suas intervenções;
- Por fim, avalie o seu comportamento geral.

“[...] O sucesso de uma entrevista depende da maneira como funciona a interação entre os dois parceiros. [...]” (QUIVY;CHAMPENHOUDT, 1992, p. 76)

2.3 A exploração das entrevistas exploratórias

Discurso
(fonte de informação)

Discurso
(processo)

- Não tem função de verificar hipóteses
- Ajuda a “[...]abrir pistas de reflexões, alargar e precisar horizontes de leitura, tomar consciência das dimensões e dos aspectos de um dado problema [...]”
(QUIVY;CHAMPENHOUDT, 1992, p. 77)

2.3 A exploração das entrevistas exploratórias

Discurso
(fonte de informação)

Discurso
(processo)

Deve ser conduzido de forma muito aberta, sendo a melhor forma de atuar:

- Ouvir repetidamente as gravações
- Anotar as pistas e as ideias
- Pôr em evidência as contradições internas e divergências
- Refletir sobre o que podem revelar, como por exemplo, aspectos ocultos mas importantes do problema.

Discurso
(fonte de informação)

Discurso
(processo)

“A entrevista não-diretiva visa levar o interlocutor a exprimir a sua vivência ou a percepção que tem do problema que interessa ao investigador.” (QUIVY;CHAMPENHOUDT, 1992, p. 78)

Refletir

Reunir ideias

Ordená-las

Encontrar
palavras

Exprimir seu
ponto de vista

Pode gerar respostas caóticas e desconexas

2.3 A exploração das entrevistas exploratórias

Resultado da
entrevista

=

Elaboração de um
pensamento

=

PROCESSO

“O discurso é um momento num processo de elaboração, com tudo o que isso implica de contradições, incoerências e lacunas. O discurso é a palavra em acto...”
(QUIVY;CHAMPENHOUDT, 1992, p. 78)



Surge a partir do **locutor**, do **objeto de referência** e do **terceiro**
(que põe a pergunta-problema)

Fase exploratória de
uma investigação

Discurso enquanto
informação



Discurso enquanto
processo

Análise de conteúdo

“É, portanto, vital para a investigação fecundar as entrevistas com leituras e vice-versa, dado que é da sua interação que resultará a problemática de investigação.”

3. Métodos exploratórios complementares

Na prática, é raro as entrevistas exploratórias não serem acompanhadas por um trabalho de observação ou análise de documentos.

"Entrevistas, observações e consultas de documentos diversos coexistem frequentemente durante o trabalho exploratório. Nos três casos, os princípios metodológicos são fundamentalmente os mesmos: deixar correr o olhar sem se obstinar sobre uma única pista, ouvir à sua volta sem se contentar com uma só mensagem, apreender os ambientes e, finalmente, procurar discernir as dimensões essenciais do problema estudado, as suas facetas mais reveladoras e, a partir daí, os modos de abordagem mais esclarecedores".

(QUIVY; CAMPENHOUDT, 1992, p. 81).

- Não se deve fazer observação ou análise de documentos precisos e detalhados;
- Proceder com anotações sistemáticas e rápidas num diário de campo, todos os fenômenos e acontecimentos observados, bem como, todas as informações recolhidas que sejam ligadas ao tema do trabalho;
- Observar e anotar os fenômenos, acontecimentos e informações aparentemente anódinos, que podem revelar-se importantes quando relacionados uns com os outros;
- A exploração consiste, em ler e reler as anotações, para destacar as pistas de investigação mais importantes;
- Anotar as reflexões mais teóricas sobre as páginas da esquerda do caderno, em frente aos dados de observação correspondentes.

3. Métodos exploratórios complementares

Há a **Observação Participante**, onde o observador participa do grupo estudado. Ex.: Os etnólogos [antropologia cultural e social] .

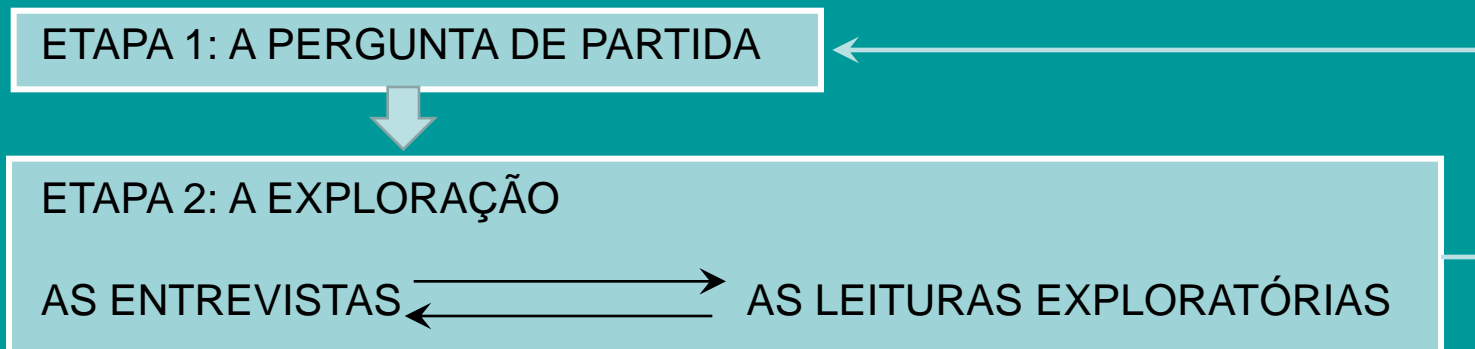
Há a **Observação Não Participante**, onde os comportamentos dos atores são investigados com certa distância.

Mas, como **temos diferentes graus de participação** na vida de um grupo investigado, depois de uma longa participação na vida de um grupo, o investigador pode ter a sua lucidez diminuída. A melhor solução é ler as notas de observação e contar suas experiências etnológicas a alguns colegas que não participem do trabalho.

4. A interação entre o trabalho exploratório e a problemática

A elaboração da problemática não é uma operação particular ou separada da precedente. Os atos e etapas de procedimento são construídos a partir de leituras e entrevistas. Após a primeira tentativa de problematização, verificam-se as insuficiências que levam ao desenvolvimento da exploração e à reformulação da pergunta de partida.

Assim, temos um circuito de retroação: (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1992, p.84)



4. A interação entre o trabalho exploratório e a problemática

De forma geral, a **atenção dada à elaboração da problemática** aumenta com a maior aproximação da investigação em **sentido estrito**, quando o investigador busca um progresso no quadro teórico e conceitual da sua disciplina. Neste caso, é preciso dar mais tempo para assimilar os modelos de interpretação preexistentes e adquirir conhecimento suficiente do assunto estudado, para depois, recolher e analisar dados.

Nos casos das sondagens de opinião e estudos de mercado, onde os dados são recolhidos e tratados segundo processos técnicos simples e estáveis, a fase exploratória poderá ser reduzida.

A fase exploratória e a elaboração de uma problemática podem ocupar a maior parte do trabalho. No caso das teses de doutoramento, esta fase pode ocupar vários anos, até o investigador decidir qual o ângulo particular do objeto será abordado.

Através da investigação, temos um conhecimento teórico e concreto do objeto de estudo, e a inconsistência de um relatório de investigação é o resultado direto de lacunas na qualidade do trabalho exploratório e na elaboração da problemática. Além disso, a **reflexão heurística** [método com o objetivo de encontrar soluções a um problema] não se interrompe a partir de um momento preciso.

Além da fase exploratória, o investigador continuará buscando a melhor forma de abordar o seu objeto, corrigindo o seu ponto de vista sempre que necessário.

Resumo da segunda etapa: **A exploração**

- O projeto de investigação é provisoriamente formulado sob a forma de uma pergunta de partida;
- Em seguida, o trabalho exploratório deve atingir uma qualidade de informação acerca do objeto estudado e as melhores abordagens;
- O trabalho exploratório compõe-se de duas partes: por um lado temos o trabalho de leitura, e por outro lado, as entrevistas ou métodos apropriados;
- Das leituras preparatórias, obtemos a informação sobre as investigações do tema de trabalho e situamos novas contribuições, podendo, o investigador, ressaltar a perspectiva mais pertinente;

Resumo da segunda etapa: A exploração (continuação)

A escolha das leituras tem critérios precisos:

- Fazer ligações com a pergunta de partida;
- Dimensionar o programa;
- Conter elementos de análise e interpretação;
- Utilizar abordagens diversificadas;
- Utilizar períodos de tempo para reflexão pessoal e mudanças de ponto de vista;
- Efetuar uma grelha de leitura adequada aos objetivos;
- Fazer resumos corretamente estruturados para destacar as ideias essenciais dos textos estudados e compará-los.

As entrevistas exploratórias:

- São fonte de informação do discurso ouvido;
- Podem ser decodificadas para exprimir o que o interlocutor tem como verdade mais profunda que a imediatamente perceptível;
- São usadas em conjunto, com a observação e a análise;
- Completam as leituras e permitem ao investigador tomar consciência de mais aspectos, além daqueles levantados pela própria experiência e pela leitura;
- Se forem pouco diretivas, auxiliam imaginar novas ideias.

Os fundamentos do método precisam adotar os princípios da não diretividade de Carl Rogers (1902-1987), mas também adaptados a aplicação na ciência social, onde temos três interlocutores:

- Os especialistas científicos do objeto de estudo;
- As testemunhas privilegiadas;
- As pessoas diretamente interessadas.

o final desta etapa, o investigador pode ser levado a reformular a pergunta de partida, de forma a ter em conta os ensinamentos do trabalho exploratório.

TRABALHO DE APLICAÇÃO Nº 7 REFORMULAÇÃO DA PERGUNTA DE PARTIDA

- 1) Será que a primeira formulação da sua pergunta de partida traduz bem a sua intenção, tal qual aparece no termo de trabalho exploratório? Poderá servir de fio condutor? Porquê?
- 2) Caso a resposta seja não, reveja e corrija o seu projeto, formulando uma nova pergunta de partida. Faça esta pergunta responder aos critérios apresentados na 1ª etapa. Seja **preciso**, mas mantenha a operacionalidade da pergunta, não exprimindo toda a profundidade do seu pensamento na sua formulação.

As Etapas do Procedimento

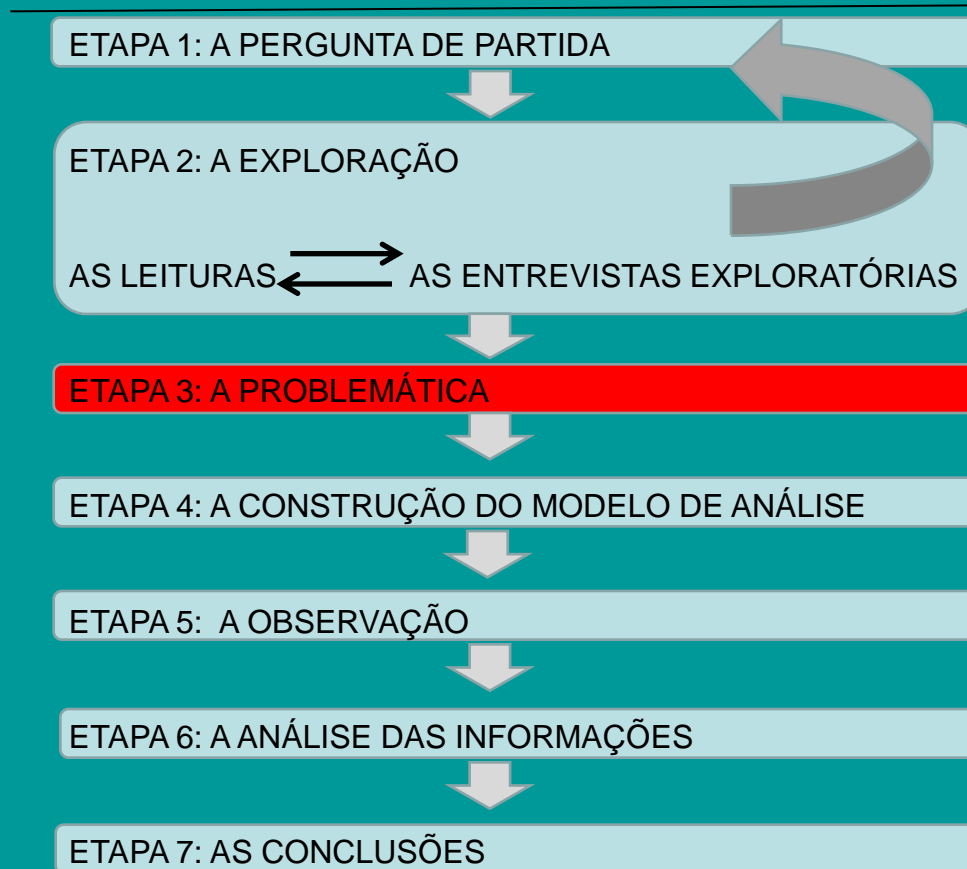


Figura 02: Etapas Do procedimento. Quivy e Campenhoudt, 1992, p. 90

Objetivos

Ganhar distância em relação às informações recolhidas e dominar as ideias reunidas

Buscar na problemática, uma abordagem ou perspectiva teórica, adotada para tratar o problema feito pela pergunta de partida.

MOMENTOS DA ELABORAÇÃO DA PROBLEMÁTICA:

1º momento:

- Explorar as leituras e entrevistas;
- Inventariar os diferentes aspectos do problema feito pela pergunta de partida para escolher a orientação;

2º momento:

- Elaborar uma nova orientação da concepção de uma problemática, progressivamente e apoiados no confronto dos pontos de vista, suas divergências e convergências;

3º momento:

- Explicitar o quadro conceitual que caracteriza a problemática.

1. Dois exemplos de concepção de uma problemática

1.1 O suicídio

Durkeim (1858-1957), utiliza um ponto de vista diferente no estudo do objeto de investigação, saindo dos caminhos anteriormente percorridos.

Onde se concebia o *suicídio* como resultado de um processo de desestruturação psicológica, ele vê um *fato social específico*, considerando-o como sintoma e produto de fraqueza da coesão social, onde há menos solidariedade e mais individualidade.

Num 1º momento, Durkeim “[...]toma em consideração várias abordagens possíveis de suicídio, umas das quais é uma nova problemática: o suicídio como fenômeno social.” (QUIVY & CAMPENHOUDT, 1992, p.93)

Num 2º momento, optando pela *problemática social*, conceitualiza esta abordagem, para, num 3º momento, relacioná-la à coesão social e constituir os seus fundamentos teóricos. Opõe, assim, a sociologia com a psicologia.

1.2 O ensino

É o segundo exemplo de concepção de uma problemática pela forma de o abordar ter evoluído consideravelmente ao longo destas últimas décadas. [o livro foi escrito em 1992]

Quivy e Campenhoudt pretendem, ao compor este exemplo, conhecer as abordagens do ensino suficientes para compreender a sua diversidade e as diferentes problemáticas que contêm.

Pergunta de partida:

Quais as causas dos insucessos escolares?

Analisar

- os processos de aprendizagem escolar
- os conteúdos implícitos do ensino

Quais os tipos de insucesso?

- Aptidão das crianças
- Processo de aprendizagem
- Métodos pedagógicos

- O lugar do individuo na sociedade;
- O sucesso profissional;
- O ensino com função de seleção profissional e social.

Comparar

os vários métodos de ensino

1. Dois exemplos de concepção de uma problemática

1.2 O ensino

Os autores iniciam a abordagem por onde é possível mostrar uma melhor interação entre a pergunta de partida, as leituras e a problemática.

ANÁLISE DOS PROCESSO DE APRENDIZAGEM: INSTRUMENTOS E MÉTODOS

- ❑ Estudam a função de reprodução ideológica do ensino, ou seja, pela maneira como ele contribui para assegurar uma certa ordem social, transmitindo às novas gerações as concepções dominantes da vida em sociedade.
- ❑ Afirmam que a escola deixou de deter o monopólio da difusão dos conhecimentos.
- ❑ Asseguram que apareceram então novos projetos de investigação que abordam este problema, tendo em conta as complementaridades e colisões entre a influência da escola e a de outras fontes de informação.

2. Os três momentos de uma problemática

2.1 O primeiro momento: Fazer o balanço

Identificando e descrevendo as diferentes abordagens [ligadas implícita ou explicitamente a sistemas teóricos] do problema; detectando as ligações e oposições que existem entre elas.

2.2 O segundo momento: Definir uma problemática

Trata-se de:

- a) conceber uma nova problemática; ou
- b) inscrever o trabalho em um dos quadros teóricos existentes.

Inscriver-se em um quadro teórico tem duas funções:

1. Permitir reformular ou precisar a pergunta de partida;
2. Servir de fundamento às hipóteses sobre as quais o investigador construirá uma resposta coerente a essa pergunta de partida. Este é o momento oportuno para reformular a pergunta de partida com referência a um quadro teórico particular tornando-a mais precisa.

2. Os três momentos de uma problemática

2.3 O terceiro momento: Explicitar a problemática

Consiste em expor os conceitos fundamentais e a estrutura conceitual em q se assentam as proposições que foram elaboradas em resposta à pergunta de partida [hipóteses].

A problemática fornece o plano teórico sobre o qual vai assentar a construção do modelo de análise (os alicerces da investigação).

A problemática é a parte teórica que, na investigação, precede e justifica o modelo de análise e as hipóteses que serão testadas pelos fatos.

Trabalho de aplicação: elaboração de uma problemática

Aplicar as operações relativas à elaboração de uma problemática à sua investigação:

- Diferentes abordagens do problema; explicações suscitadas pelas entrevistas exploratórias; convergências e divergências do quadro teórico (informações das leituras e das entrevistas exploratórias); convergências e divergências da abordagem como problemática; contexto da abordagem; estrutura e conceitos fundamentais do quadro teórico a ser abordado.

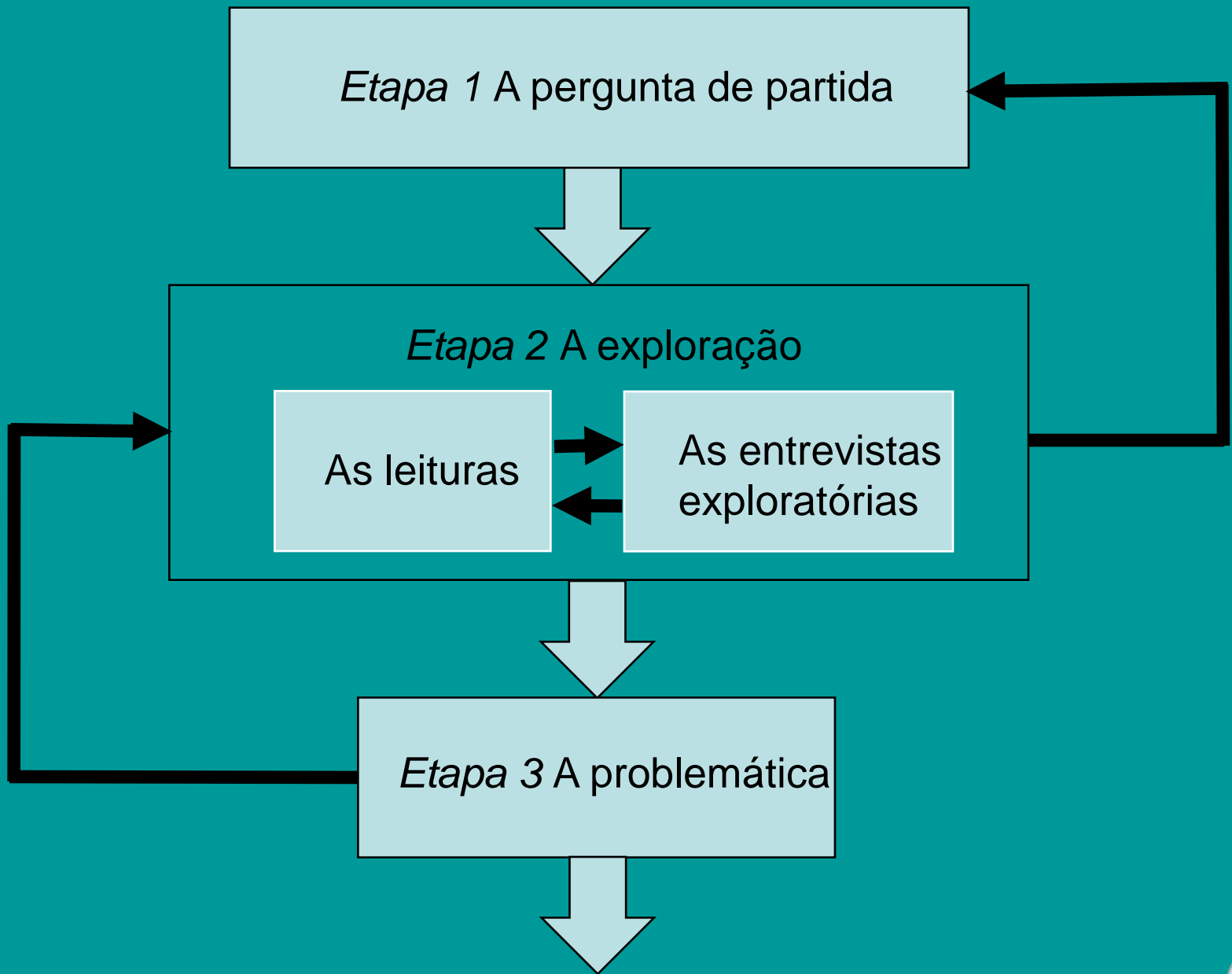


Figura 03: Etapas da construção de uma problemática. Quivy & Campenhoudt, 1992, pg. 104

Referências:

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva, 1992. 275pp.

Imagens:

Imagem 01: Durkeim. Disponível em: <<http://goo.gl/VRDfVQ>>. Acesso em: 05 nov. 2013.

Imagem 02: Rogers. Disponível em: <<http://goo.gl/FhJUSR>>. Acesso em 05 nov. 2013.

Biografias:

Informações gerais sobre os autores Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt.

Disponível em: <<http://www.herdereditorial.com/section/1103/>>. Acesso em: 03 nov. 2013.

Disponível em: <http://fr.wikipedia.org/wiki/Luc_Van_Campenhoudt>. Acesso em: 03 nov. 2013.

ARQ1001 – Metodologia Científica Aplicada | Profa. Dra. Sonia Afonso

Ana Paula Jeffe | Gabriella K. Oliveira | Maíra O. Pires | Sergio Rhee | Sonia R. Soares

Obrigado